

MORTALIDADE INFANTIL NO ESTADO DO PARÁ, BRASIL, NO PERÍODO DE 2000 A 2020.

¹Maria Juliana Martins Souza; ²Eliane Batista Silva; ³Gabriel Nascimento Borges; ⁴Caroline Gomes Macêdo.

¹Acadêmica do curso de Medicina; Universidade do Estado do Pará; mariamsjuliana@gmail.com; ²Acadêmica do curso de Medicina; Universidade do Estado do Pará; ³ Acadêmico do curso de Medicina; Universidade do Estado do Pará; ⁴Mestre em Biociências. Docente do curso de Medicina; Universidade do Estado do Pará.

INTRODUÇÃO: A taxa de mortalidade infantil (TMI) é utilizada para a análise da situação de saúde e condições socioeconômica da população e é calculada pelo número de crianças que morrem antes do primeiro ano de idade a cada mil nascidas vivas (ALVES, COELHO, 2021; PAIXÃO; FERREIRA, 2012). Nessa faixa etária, há a maior susceptibilidade aos danos causados por fatores ambientais, socioeconômicos e pela forma de cuidado recebido, atuando como um indicador sensível no tocante a qualidade de vida familiar (MAIA; MENDES; GOUVEIA, 2020). Diante disso, o objetivo principal deste estudo é avaliar a Taxa da Mortalidade Infantil do Estado do Pará, em periodicidade quinquenal, a partir do ano 2000 até 2020. Pretende-se, também, averiguar a quantidade de nascidos vivos e de morte infantil nos anos estudados, estratificar os dados da amostra de óbitos coletados de acordo com o sexo, cor da pele, idade do óbito e escolaridade materna, além de apurar a variação percentual da TMI nos períodos investigados. **METODOLOGIA:** Trata-se de estudo quantitativo de série temporal e de análise descritiva, com uso de dados secundários provenientes dos sistemas de informação em saúde, sendo eles, o Sistema de Informação Sobre Nascidos Vivos (SINASC) e o Sistema de Informação Sobre Mortalidade (SIM), disponíveis na plataforma digital do DATASUS. Para compor a amostra, foram selecionadas as crianças nascidas vivas de mães residente no Estado do Pará entre 2000 e 2020, com análises estabelecidas em intervalos quinquenais. A TMI foi obtida pela proporção de óbitos a cada mil nascidos vivos, além de utilizar-se a variação percentual da TMI para avaliação temporal por meio do *software Microsoft Excel 2019*. As variáveis independentes referem-se à quantidade total de nascidos vivos e de óbitos antes do primeiro ano de vida e os fatores sociodemográficos, como, cor da pele, sexo, idade de óbito e escolaridade materna que foram investigadas por frequência relativa apenas sobre os dados de mortalidade. **RESULTADOS:** Foram analisados 689.162 nascidos vivos nos períodos entre 2000 e 2020, a maioria considerada parda (84,71%) e predominante do sexo masculino (51,29%). A quantidade de óbitos infantil estudados foi de 12.832, correspondendo a 1,86% da amostra. Há a redução da TMI no Estado do Pará desde o início do milênio com amplitude de valores de 9,92, apresentando valor máximo de 24,89 no ano 2000 e valor mínimo de 14,86 em 2020, a Figura 1 exibe as TMI apuradas, individualmente, em cada ano estudado. O decaimento da TMI é uma tendência observada há muitos no Brasil e deve a melhoria nos programas de assistência social, especialmente os voltados a saúde (HERNANDEZ, 2011; MARTINS; PONTES; HIGA, 2020). A prevalência de acordo com o quantitativo total mortes é maior nas crianças do sexo masculino, pardas, dentro uma semana de vida e com escolaridade materna entre 4 a 7 anos. Entretanto, deve-se atentar na composição da amostra de maioria masculina e pardas, na Tabela 1 encontra-se a frequência relativa dessas categorias para cada ano observado. De acordo com Alves *et al.* (2021) e Maia *et al.* (2020), também encontraram dados similares da TMI em relação ao sexo, cor da pele, pela idade do óbito e grau de instrução da mãe. Observa-se a transição da prevalência dos casos no fator escolaridade materna que atualmente concentra-se nas categorias que abrangem de 4 a 11 anos de estudo e está reduzida entre 0 a 3 anos de educação. Isso pode ser reflexo da maior oferta de ensino que concentra a população materna dentro da faixa de maior prevalência (IBGE, 2020). As famílias com maior grau de escolaridade também são menos vitimadas por morte infantil

por possuírem maiores chances de oportunidades de emprego, de boas condições de renda e de recurso para atendimento e tratamentos de saúde (PAIXÃO; FERREIRA, 2012). A variação percentual da TMI entre 2000 e 2020 foi de 40,29%, com redução máxima de 16,83% entre 2010 e 2015 e a variação mínima de 0,73% entre 2015 e 2020, esses dados estão dispostos na Figura 2. No ano de 2016, o Brasil passou por uma grande instabilidade político-econômica fato esta que pode ter interferido na condição de vida da população com consequente diminuição da variação percentual da TMI no último período estudado (BUGELLI, 2021). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A presente pesquisa analisa a Taxa de Mortalidade Infantil no Estado do Pará, em intervalos de cinco anos, no período de 2000 até 2020. Os resultados apontam a regressão TMI ao longo nos anos estudados e as mortes concentram-se aos nascidos do sexo masculino e pardos, no entanto essas categorias podem sofrer influência da composição da amostra de nascidos vivos. Além disso, o contingente de óbitos é maior durante a primeira semana de vida e varia conforme a escolaridade materna. A variação da TMI é expressiva durante os anos 2000 a 2015, entretanto ocorre uma redução drástica no ano de 2020. Esses dados são importantes para guiar, fomentar e atualizar ações governamentais, como os programas de auxílio social que são importantes para possibilitar a redução da TMI a curto prazo. Ademais, o aperfeiçoamento das políticas de natalidade e de acolhimento materno-infantil são pontos de destaque, pois a maior oferta de planejamento familiar aliado ao acesso aos serviços de saúde durante o pré e pós-natal podem aumentar a sobrevivência das crianças, especialmente as enquadradas em condições de vulnerabilidade.

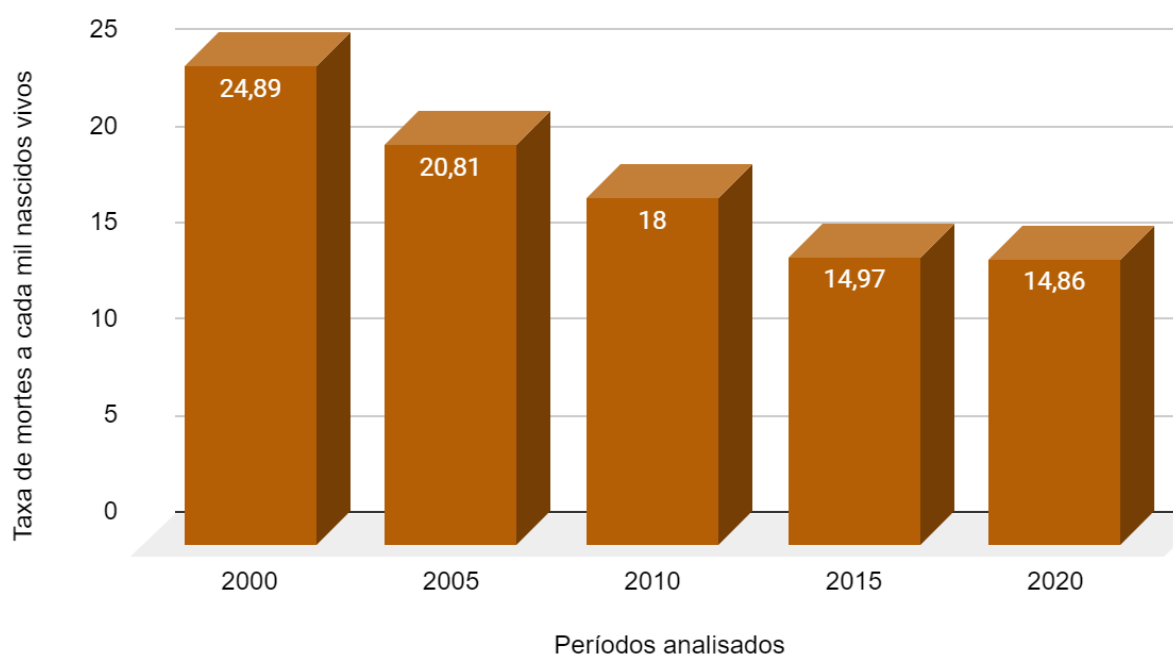


Figura 1: TMI em análise quinquenal entre 2000 a 2020 no Estado do Pará, Brasil.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das informações disponíveis pelo SINASC e SIM entre 2000 a 2020 no Estado do Pará, Brasil.

Tabela 1 - Frequência relativa das variáveis independentes da TMI entre 2000 a 2020 no Estado do Pará, Brasil.

Variáveis independentes	Frequência relativa da mortalidade infantil				
	2000	2005	2010	2015	2020
Sexo					
Masculino	57,32%	56,44%	57,52%	56,02%	55,97%
Feminino	42,27%	43,26%	41,37%	43,33%	43,22%

Ign*	0,41%	0,30%	1,11%	0,65%	0,81%
Idade de óbito					
0 - 6 dias	51,97%	52,31%	56,93%	55,70%	54,35%
7 - 27 dias	13,77%	12,95%	13,98%	15,67%	14,68%
28 - 364 dias	34,26%	34,74%	28,98%	28,64%	30,97%
Ign*	-	-	0,12%	-	-
Cor da pele					
Branca	22,30%	22,26%	18,67%	15,02%	14,17%
Preta	2,26%	2,34%	1,97%	1,16%	1,32%
Amarela	0,29%	0,30%	0,32%	0,05%	0,25%
Parda	45,87%	67,93%	73,51%	77,55%	77,88%
Indígena	0,80%	1,78%	2,53%	1,86%	2,07%
Ign*	28,50%	5,38%	3,00%	4,37%	4,30%
Escolaridade materna					
Nenhuma	11,26%	9,51%	8,05%	3,58%	4,76%
1 a 3 anos	16,83%	19,91%	11,57%	8,23%	6,83%
4 a 7 anos	16,73%	30,85%	26,65%	23,48%	21,46%
8 a 11 anos	8,27%	19,15%	25,23%	38,68%	36,44%
12 anos e mais	2,54%	5,09%	7,19%	7,07%	9,11%
Ign*	44,37%	15,49%	21,32%	18,97%	21,41%

Ign*: Ignorados ou em branco

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das informações disponíveis pelo SINASC e SIM entre 2000 a 2020 no Estado do Pará, Brasil.

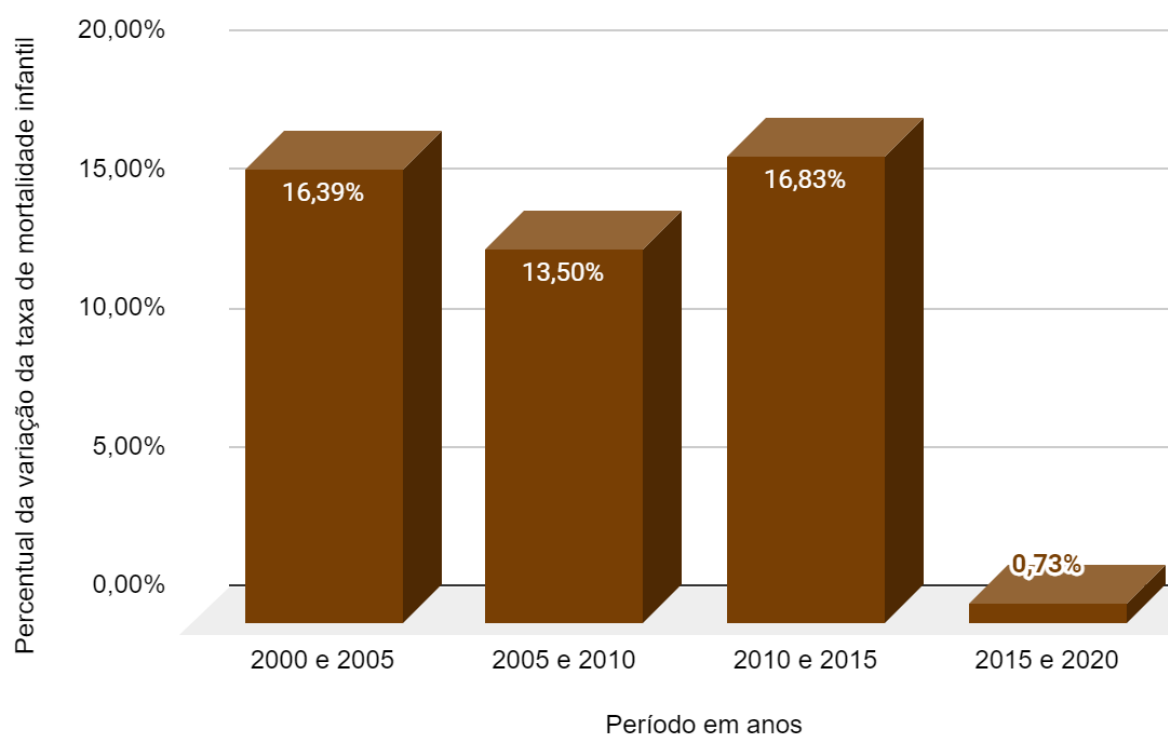


Figura 2: Variação percentual da TMI em análise quinquenal entre 2000 a 2020 no Estado do Pará, Brasil.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das informações disponíveis pelo SINASC e SIM entre 2000 a 2020 no Estado do Pará, Brasil.

Palavras-chave: Mortalidade infantil; Desenvolvimento humano; Fatores sociodemográficos.

Referências:

ALVES, T. F.; COELHO, A. B. Mortalidade infantil e gênero no Brasil: uma investigação usando dados em painel. **Ciência & Saúde coletiva (online)**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, pp. 1259-1264, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.04022019>. Acesso em: 18 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portal DATASUS**, 1991. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet>. Acesso em: 18 set 2022.

BUGELLI, A. *et al.* Health capabilities and the determinants of infant mortality in Brazil, 2004–2015: an innovative methodological framework. **BMC Public Health**, Londres, v. 21, n. 1 pp. 831 – 848, 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Educação 2019: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua**, 2020.

HERNANDEZ, A. R. *et al.* Análise de tendências das taxas de mortalidade infantil e de seus fatores de risco na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, no período de 1996 a 2008. **Cadernos de Saúde Pública (online)**, v. 27, n. 11, pp. 2188-2196, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011001100012>. Acesso em: 07 set 2022.

MARTINS, P. C. R.; PONTES, E. R. J.; HIGA, L. T. Convergência entre as Taxas de Mortalidade Infantil e os Índices de Desenvolvimento Humano no Brasil no período de 2000 a 2010. **Interações**, Campo Grande, v. 19, n. 2, p. 291-303, 2018.

PAIXÃO, A. N.; FERREIRA, T. Determinantes da Mortalidade Infantil no Brasil. **Informe Gepec**, Toledo, v. 16, n. 2, p. 6-20, jul./dez. 2012.

MAIA, S. L. T.; MENDES, W. V.; GOUVEIA, A. C. Determinantes individuais e contextuais associados à mortalidade infantil nas capitais brasileiras: uma abordagem multinível. **Cadernos de Saúde Pública (online)**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, e00057519, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00057519>. Acesso em: 18 set 2022.